

# O EU, OS OBJETOS E A IDENTIDADE\*

Decio Tenenbaum\*\*

**" Recusar-se a ir além do que, explicitamente, um texto diz é, na verdade, uma forma de idolatria e, também, uma ingenuidade histórica" .**

(Palmer, 1969)

**" ... If, however, we suppress or repress our consciousness of the metaphor and speak literally about the mind as a thing then we have created a metaphysical fact..."**

(Home, 1966)

## INTRODUÇÃO

Há alguns anos deparei-me com a pergunta sobre o que poderia existir de tão fundamental ao ser humano a ponto dele, na luta pela preservação deste bem, às vezes abrir mão da própria sobrevivência. Usando como modelos desta situação um livro e um filme abordados em dois trabalhos psicanalíticos (Sewald, 1991; Almeida, 1988) cheguei à conclusão que este bem é a representação de si mesmo (Tenenbaum, 1992a) e ainda lembro minha surpresa de iniciar discutindo a Pulsão de Morte e acabar na constituição da representação de si mesmo. Concordo com Eksterman ao dizer que a maior ameaça ao ser humano é a perda da representação do eu; por esta razão, e não para atender a obscuros anseios de morte, o prazer pode ser sacrificado para salvar a identidade (Eksterman, 1991).

Repensando meu trabalho anterior, hoje poderia dizer que os dois personagens tragicamente procuravam suas identidades. Um, "Mishima", procurava sua identidade nacional perdida no processo de ocidentalização pelo qual sua pátria e ele estavam passando (em certa medida semelhante ao processo de aculturação forçada que muitos judeus e outros imigrantes vivem durante o processo de imigração - Mezan, 1993); o outro, personagem do filme "Atração Fatal", acreditava ter encontrado e, portanto, temia perder a outra parte do seu eu. Pareciam não se importar com a própria sobrevivência, com a aproximação da própria morte, preço pago na fracassada luta de ambos conseguirem uma representação de si mesmo.

Recentemente uma paciente recolocou-me diante desta questão e resolvi confrontar este conceito com o de identidade, partindo da hipótese que talvez a identidade seja um dos constituintes daquilo que chamamos representação de si mesmo, um dos "departamentos" do eu.

## ZELIG...

Há algum tempo venho acompanhando uma jovem que chegou ao meu consultório dizendo ser o próprio

Zelig, personagem-título de um filme no qual Woody Allen representa uma pessoa que sempre acaba ficando igual, inclusive fisicamente, a quem ela se aproxima. Ao chegar, minha paciente sabia com clareza, e há muito tempo, o caminho profissional que queria seguir, embora fosse a primeira pessoa com esta profissão na família. Estava concluindo curso superior e em momento algum questionou sua escolha. Ao se graduar não encontrou dificuldades em iniciar sua vida profissional, apesar da situação do país. Por todos os colegas é respeitada e admirada em suas opiniões e procedimentos técnicos e com todos eles discute e argumenta, apesar de recém-formada. Mesmo sendo, como diz, muito angustiada, é pessoa geralmente alegre, bem humorada e afetiva, embora tenha um fundo pessimista de sempre esperar o pior. Sua identidade profissional, componente importante do seu eu, foi bem estabelecida, mas era no seu "eu com os outros" (família, amigos, namorados, etc.) que tinha grandes dificuldades.

Filha mais velha de pais separados quando com 10 anos, no início dizia, sempre com orgulho, ter sido sua própria mãe. Assim que a vida permitiu, se afastou da mãe e da família materna (com quem foi criada) devido a queixas e ressentimentos. Apesar de seu amplo círculo de amizades, ainda não havia conseguido manter um namoro por muito tempo. Era sua maneira de ser se apaixonar perdidamente por uma pessoa, de quem acabava adotando certos gostos, preferências e características, mas de quem se afastava logo depois quando começava a sentir-se presa e invadida em sua privacidade, como se seu eu acabasse sendo invadido e dominado pelo seu objeto amado. Era sempre ela quem escolhia os namorados, qualquer aproximação de alguém não escolhido por ela era imediatamente repudiada como ameaçadoramente invasiva.

Quando veio a mim, estava muito angustiada porque havia, enfim, conseguido conquistar um colega de profissão mais velho, antigo conhecido seu e há muito admirado por ser muito seguro de si, sem dúvidas e inseguranças, além de ótimo profissional. O namoro vinha se mantendo há alguns meses durante os quais, e aos poucos, foi adotando a maneira de ser do namorado. Quando surgiu a possibilidade de morarem juntos, começou a sentir-se angustiada e com medo de tomar esta atitude (mudar-se para a casa dele) e perder sua individualidade. Parecia saber o que iria acontecer, pois, com o tempo (e como sempre foi) começou a sentir-se sufocada e presa. Havia se afastado dos seus amigos, tornara-se uma pessoa "séria e extremamente consciente" como o companheiro, mas, por mais que tentasse, não conseguia sentir-se tão segura quanto o via ser, o que lhe dava um sentimento de fracasso e raiva. A união durou cerca de dois anos; nos últimos seis meses, caracteristicamente, começou a se rebelar e a ver todos os defeitos do seu companheiro, antes idealizado. Após esta luta para "voltar a ser ela mesma", separou-se e pôde começar a perceber melhor seu costumeiro e necessário processo de fusão e individuação.

Nesta época era comum falar do enorme medo de ser igual a mãe, pessoa por ela conscientemente odiada e repudiada, embora sempre presente em seus pensamentos e parâmetro (tanto positivo, quanto negativo) para inúmeras coisas de sua vida. Dizia-se fisicamente igual à mãe, gostava de usar as roupas dela para ir a festas, achava a mãe uma mulher bonita, mas também dizia ser uma pessoa completamente diferente daquela, de quem só tinha queixas e desconfianças pela maneira que ela a tratou, sempre com recriminações e desconsideração.

Este tipo de relação, cujo sentimento mais presente na consciência era o ódio, o qual implicava num repúdio à pessoa da mãe, em parte a ajudava a manter a distância necessária para que ela se sentisse uma pessoa diferente daquela, e em parte encobria, pela transformação no oposto, a intensa relação entre as duas. Através do seu orgulho de ter sido sua própria mãe defendia-se do sofrimento decorrente do afastamento desta, que teve outro filho, seu irmão caçula poucos anos mais moço, e, logo após, foi trabalhar por causa da separação conjugal. Com esta fantasia também expressava a negação da falta do objeto e o desejo de trocar de lugar com este, tentando assim, entre outras coisas, evitar o domínio que este tinha e tem sobre seu eu, não como uma sombra descrito em "Luto e Melancolia" (Freud, 1915), e sim como fruto da identificação deste com o ego ideal\* da paciente, o mesmo processo descrito acima ao falar de como funcionava como Zelig. Mas, por outro lado, todo este processo, sem dúvida, lhe atraía

por oferecer uma promessa de, enfim, ser como seu objeto interno e ter uma identidade. Esta cena repetia-se em todo relacionamento mais significativamente afetivo da paciente.

Curiosa esta situação: teme realizar o quanto está identificada com sua mãe com medo de que, se o fizer, o objeto tomará posse do seu eu e, para que tal não ocorra, tem sempre que se afastar do objeto, repudiando-o e não completando assim o processo identificatório. Imagina que desta maneira está individualizando-se, mas o fracasso se revela na repetição desta mesma cena com os homens que encontra na vida e na sua incapacidade de ter uma representação satisfatória de mulher e de mãe, seus maiores desejos expressos várias vezes em seu tratamento.

Mas, se todos sabemos que é da conclusão deste processo que surge a identidade e/ou se amplia o *eu* (Freud, 1938, sintetizou este processo citando Goethe: "Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para ser teu", o que no caso da minha paciente será obter suas identidades de mulher e de mãe), qual o problema em completá-lo? Como pretendo desenvolver, a complementação deste processo se dá com a  fusão  da representação do objeto interno na estrutura egóica, nesta  desaparecendo . Portanto, o que minha paciente está evitando é a dor da perda de um objeto interno intensamente amado.

Quando, mais tarde, estava prestes a se casar, ao mesmo tempo falava de seu medo de se misturar...

**Z-** Tenho medo de ser como todo mundo, de ser levada na multidão, de estar fazendo (casando-se de maneira diferente daquela vez em que foi morar com o colega de profissão idealizado) como todo mundo faz e acabar me misturando, me misturando com minha família (neste casamento não se afastou de seus familiares), com G. que tem a minha idade e é, como eu, inseguro (não idealizado). Silêncio. Eu estava pensando que seria bom ter mais uma sessão agora... Você pode me atender também às 2ª feiras?

**D-** E o medo de se misturar comigo?

**Z-** ... É..., mas eu acho que é aqui que eu vou encontrar minha individualidade.

...começava a perceber que é se aproximando que vai se individualizar, e não o contrário: é completando o processo identificatório que a identidade surge. Mas, depois do fim-de-semana ela chegou dizendo:

**Z-** Eu programei meu fim-de-semana longe de tudo e de todos para ficar só com G., mas não consegui, fiquei pensando no K. (ex-companheiro) o tempo inteiro. Eu não consigo me desligar, fico pensando nele sofrendo sozinho.

O reaparecimento de K. no cenário mental de Z. está claramente relacionado ao fim-de-semana-casamento. Depois da sessão fiquei me perguntando o por que deste reaparecimento. Por que a manutenção de um objeto interno pode ser preferível à individuação, como ela mostrou? E por que a separação ego-objeto interno desperta sempre fantasias (receios) que o objeto interno não vai sobreviver (fique mal, morra, etc.) ou, então, que não vai aceitar a separação, fazendo retaliações como se a separação fosse em si um mal perpetrado ao objeto interno? Por que individualizar-se de um objeto interno gera culpa? Sabemos que mesmo nas melhores separações ela está presente, e a distinção entre culpa persecutória e culpa reparadora não responde, apenas confirma minha pergunta.

Além dos ataques aos objetos internos e das projeções dos sentimentos de desamparo, os quais são, às vezes, frutos de uma intensa e inseparável relação afetiva, vimos que a individuação implica numa fusão das representações dos objetos internos na estrutura egóica da pessoa, isto é, numa  mudança qualitativa das representações tanto dos objetos internos, quanto do eu . Sabemos que este processo só é possível por iniciativa do ego, portanto é uma atividade do ego que traz consequências para a representação

(existência mental) destes objetos. Se desde Freud sabemos que a atividade, e logicamente ele não se referia só à física, é a base do sadismo, toda atividade do ego pode ser vivida como sádica, daí individualizar-se, absorver, fundir, os objetos internos ao nosso eu, conquistar o que herdamos, poder ser geradora de culpa, pior se reforçada pelo analista.

Mas o que seria esta mudança qualitativa na representação dos objetos internos e do *eu*? Como isso se dá? Para responder a estas perguntas preciso dizer algumas palavras a respeito dos processos identificatórios.

## O EU E OS PROCESSOS IDENTIFICATÓRIOS

Se o ego é um precipitado de identificações (Freud, 1923), ter identificações, como acabamos de ver com minha paciente, ainda não significa ter um eu, nem uma identidade. Pelo contrário, e como vimos, pode até dar a sensação de prisão ou de massacre do próprio eu. A paciente dramaticamente descreveu este tipo de relação de submissão ao objeto interno numa determinada sessão em que falava de não conseguir sentir-se livre, de nunca fazer o que quer e de ter sempre que ser como acha que a mãe quer: "...é como se eu tivesse a minha mãe dentro de mim!"

O eu e os processos identificatórios são conceitos frequentemente discutidos por Freud, mas em toda a sua obra só existe uma citação do conceito identidade feita, como veremos abaixo, num contexto bastante peculiar. Por outro lado, a identidade sempre foi objeto de estudo da Psicologia Geral, onde é estudada juntamente com outros conceitos como caráter e personalidade. Vários idiomas fazem distinções claras entre estes aspectos de uma pessoa, sendo que, no nosso, personalidade e caráter são usados quando se quer falar como a pessoa é em relação a determinados comportamentos sociais ou em determinadas situações padrões, enquanto que o conceito identidade é usado para definir diferentes aspectos do ser de uma pessoa.

Dizem que em seu início a Psicanálise se preocupou apenas com a elucidação dos sintomas, mas já em 1908 surgiram os primeiros textos "socio-psicológicos" de Freud como "Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna" (1908b). São desta época também os primeiros estudos sobre o caráter, definido então como o resultado final do processo de adaptação social da constituição libidinal (a partir das zonas erógenas) de cada um, processo este que começa com a educação esfínteriana e é feito às custas de repressão, de sublimação e de formação reativa (Freud, 1908a). São os primeiros estudos da interação da libido com a Civilização e com a Cultura (para cuja distinção remeto os leitores ao artigo de Eksterman, 1990) e que foram aprofundados por Abraham (1970) numa descrição minuciosamente rica da influência que o desenvolvimento psicosssexual tem na formação do caráter, já desde a amamentação.

Abraham mostra que não só a ordem, a parcimônia e a obstinação (Freud, 1908a), como também a impaciência, o otimismo, o pessimismo (a seriedade melancólica), a antipatia, as pessoas que sempre solicitam algo, aquelas que são faladoras, as reticentes, as ambiciosas, as maliciosas e diversos outros tipos de caráter decorrem de vicissitudes do processo acima descrito. Estes estudos levaram a dois caminhos: o que foi seguido por T. Reich, E. Fromm e outros, de importante crítica social a partir do conhecimento psicanalítico e aquele no qual Freud se manteve, ou seja, o estudo de como o processo civilizatório, indubitavelmente relacionado com os processos identificatórios, se dá.

Com "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância" (Freud, 1910) o estudo sobre traços de caráter, no caso o homossexualismo, chega a um ponto de transição deixando de ser apenas uma resolução econômica dos componentes pulsionais em adaptação social, para se transformar no estudo da dinâmica dos processos identificatórios. Creio ser o primeiro exemplo, na obra de Freud, de como o objeto pode assumir o lugar do eu através do processo identificatório (Ahumada, 1992).

Como mencionei acima, era uma característica da minha paciente ser pessimista, esperar sempre pelo pior. Este aspecto de seu caráter, sem nunca ter sido objeto específico de nossas conversas, ficou mais claro quando tentava dar um passo significativo em sua profissão:

**Z-** Começa a sessão falando de uma mulher gorda que ficou atrapalhando, bloqueando, a passagem das pessoas no elevador. Breve silêncio. Lamenta suas faltas ocasionadas por reuniões de trabalho e diz que hoje também não vai poder ir trabalhar em X. por causa de outra reunião (para o tal passo significativo). Breve silêncio. Eu não estou bem com o G. (marido), eu quase não conto nada para ele das minhas coisas, aí eu fui conversar com ele e ele começou a falar das coisas dele e acabou na maior briga porque ele nem me escutou. Aí eu falei para ele que a competição entre a gente é tão grande que a gente não conseguia escutar um ao outro e eu estou na maior expectativa com o meu projeto. Está tudo dando certo e eu acho que a vida não é assim ... algo vai dar errado. Breve silêncio. Hoje é aniversário do meu pai e eu não vou poder falar com ele (mora fora do RJ), e nem vou ter tempo de telefonar para ele. Breve silêncio. Lembra a vida profissional do pai e que ele, por não ter superado um problema profissional que teve, se aposentou e passou a cuidar da filha pequena.

**D-** Mas esta é a história dele, não precisa ser a sua.

**Z-** Eu também não supero as dificuldades, tenho medo de puxarem o tapete e cair, não ter onde me segurar. Foi assim com a ida para L. (projeto de fazer pós-graduação no exterior). Estava tudo dando certo e na última hora não deu e eu senti minha vida cair, o meu mundo caiu. Eu tenho medo de acontecer o mesmo com o projeto. Eu não vou conseguir não cair.

**D-** O problema é não cair ou não conseguir se levantar? Depois que a ida para L. não deu certo, você refez seu caminho e está tentando agora realizar este projeto. Seu pai depois do acidente, segundo você, não refez a vida dele. Realmente se aposentou, mas também casou-se com outra pessoa e teve mais uma filha, que segundo sua visão, é a sua única ocupação. Parece que você carrega um pai que não consegue superar as dificuldades.

**Z-** É, meu pai não aceitou o que aconteceu. Ele estava dormindo na hora do acidente porque não era o turno dele. Não foi o responsável, mas como ele era o chefe acabou tendo que responder a um processo. Ele foi absolvido, mas mesmo assim pediu para se aposentar. Minha mãe não. Ela nadou até a praia, chegou na praia, montou uma barraca e está vendendo coco. Meu pai é muito orgulhoso... Eu também sou orgulhosa... Eu não sei se vejo meu pai assim ou se herdei isso dele... O Zelig não fica com nada das pessoas, ele sempre muda conforme mudam as pessoas. Eu não, eu absorvo um pouco de cada um.

**D-** Mas fica tudo separado. Lembra a história de ser yuppie e de ser hippie, de ser formal e de ser à vontade, como se em cada momento você fosse de uma determinada maneira. É como se fosse o Zelig que, dependendo da situação tanto pode ser uma coisa quanto a outra. Assim não há mistura e não forma um todo que nem é totalmente yuppie e nem totalmente hippie, não é totalmente formal e nem totalmente à vontade, não é nem papai e nem mamãe, mas que é a B.

A mulher gorda que está impedindo sua passagem é, como os psicanalistas gostam de falar, uma parte dela? Se assim é, qual parte seria? Será esta a vivência da paciente? Qual seria o efeito de tratarmos este material desta forma? Falar que ela estaria me dizendo que haveria uma parte dela que estaria impedindo sua vinda, não seria deixá-la confusa, fazendo-a acreditar que ela é má e quer atrapalhar a si mesma e ao seu tratamento exatamente num momento de desenvolvimento (passo significativo)? Além do que, ela poderia perguntar, por que diabos esta parte dela é gorda? Lembrando a "Interpretação dos Sonhos" (Freud, 1900) deveríamos pensar o que estaria representando uma mulher gorda impedindo sua passagem. Em termos mentais, não seria esta uma possível descrição de um objeto interno feminino e

grande (forte) que estaria atrapalhando o nascimento (passagem) do seu eu? Um objeto interno com esta função poderia ser vivido como sendo uma parte dela?

Seguindo, ela passa a falar de estar faltando às sessões. Periga o analista achar que existe uma parte dela atrapalhando sua ida às sessões. Isso só a colocaria na mesma situação em que o personagem representado pela Meryl Streep foi colocado num campo de concentração: qual filho salvar. Vou à sessão ou vou à reunião marcada pelo meu chefe para estudar meu projeto? Para que aumentar a culpa da paciente? Só para tentar ocupar o lugar deste objeto interno enorme que atrapalha sua vida? É melhor não falar nada e esperar mais um pouco, pois a cena (mental) ainda não está montada. Aí, a pessoa que sempre se escondeu atrás dos outros (Zelig) conta que quiz se abrir com alguém e este alguém não lhe escutou. Como a mãe, o marido a tratou com desconsideração, mas, surge algo novo, reage afirmando seu direito de ser escutada, não ficando com o ressentimento. Por não se sentir ainda segura neste novo papel, tem medo de sucumbir como seu pai. Esta me parece ser a cena infantil que é vivida atualizada na vida conjugal. Não deveria ser uma ferida narcísica para o analista perceber que, às vezes, seu papel é não entrar na vida mental dos pacientes quando não for chamado pela transferência.

Com o marido encena a vida de seus objetos internos e, por isso, minha intervenção se limitou a diferenciá-la dos mesmos. Sua reação foi curiosa, pois, passou a falar dela como que tentando afirmar ser igual ao pai, chegando a quase exclamar que não vai conseguir não ser igual a ele ("eu não vou conseguir não cair"). Novamente minha intervenção é no sentido de sua diferença com seus objetos internos, do que novamente defende-se reafirmando sua identificação com o pai. Reluta em realizar que uma das representações que tem de si mesma é idêntica a de seu objeto interno. Finalizo a sessão falando exatamente o contrário do que pensa: por não absorver as pessoas, não se sente ninguém.

Bem, como dizia acima, este novo caminho, o dos processos identificatórios, vai seguir principalmente com "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução" (Freud, 1914), "Luto e Melancolia" (1915), "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" (1921) e "O Ego e o Id" (1923).

"Sobre o Narcisismo: Uma Introdução" é, inicialmente, um complemento à teoria da libido através da interpolação de um novo estágio, o narcisismo, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Mas neste artigo, e novamente a partir do mesmo traço de caráter estudado no "Leonardo", Freud estuda o processo identificatório presente na escolha objetal e esboça o conceito de ego ideal. Este conceito é desenvolvido na "Psicologia de Grupo e Análise do Ego", artigo surgido logo depois da Primeira Grande Guerra. Foi talvez pensando nesta e nas razões psicológicas de certo tipo de movimento social (de massa) que Freud começou a escrevê-lo em 1919, mas curiosamente só o concluiu em 1921 após escrever "Além do Princípio do Prazer" (1920), que é onde reestrutura grande parte de sua teoria da libido. Lendo-se "Luto e Melancolia" junto com a "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" chega-se a uma conclusão no mínimo curiosa: um mesmo mecanismo psicológico pode levar a resultados completamente diferentes. Estudando o enamoramento ele demonstra que a identificação pode ampliar o eu, embora em outras situações (as massas humanas, melancolia) o mesmo mecanismo pode empobrecê-lo.

O processo identificatório, nos textos freudianos, é visto de cinco maneiras diferentes, mas não excludentes: a) como o primeiro tipo de vínculo (identificação primária); b) como base da internalização dos valores dos pais (identificação edipiana); c) como base das relações entre irmãos (defesa contra inveja e rivalidade); d) como forma de vínculo entre membros de um grupo (identificação com o líder num ideal de ego comum); e) como defesa/regressão diante de uma perda objetal (identificação melancólica).

A partir de Freud, vários autores começaram a desenvolver este tema e, do levantamento bibliográfico feito, foi possível dividir este estudo em quatro grandes grupos: 1) os autores que estudaram e classificaram o processo identificatório de acordo com sua intensidade (fusão, identificação parcial,

identificação total, etc); 2) aqueles que o estudaram de acordo com as possíveis funções do mesmo (como defesa, como mecanismo formador do eu, para a realização de uma fantasia, etc.); 3) os que fizeram uma classificação conforme a localização temporal do processo (identificação primária e secundária); 4) os estudiosos do processo identificatório de acordo com suas funções e suas consequências nas relações objetais (identificação introjetiva e identificação projetiva, por exemplo).

Nesta tentativa de taxionomia alguns chegaram a propor uma classificação semelhante à tradicional taxionomia médica do normal e patológico: a identificação total ou fusão com o objeto seria psicótica, enquanto que existiriam outros tipos de identificações que fariam parte de um processo normal de desenvolvimento. Mas, os trabalhos pesquisados são unânimes quanto à importância dos processos identificatórios na formação do eu e da identidade, seja como forma de superar traumas (Blum, 1987), seja como defesa contra a hostilidade decorrente do processo de separação (a ameaça de perda de um objeto externo pode ameaçar as representações relacionadas a este objeto), seja como mecanismo psicológico que vai constituir o futuro eu, etc. A identificação não só é a base da estruturação do eu, como também é a solução psicológica para uma das questões cruciais do ser humano: diante da perda a saída é a identificação, seja a perda narcísica "superada" pela identificação com um ego ideal, seja a perda edípica "superada" pela identificação parental, e assim por diante.

Contribuindo para a complexidade deste tema, Grinberg (1980) lembra que a identificação é um processo egóico que se dá com as representações, atributos, e não com o objeto total (da mesma forma que, hoje sabemos pela neurociência, o cérebro faz para perceber os objetos: diferentes regiões neurais fazem a percepção das diferentes qualidades dos objetos, cuja integração é feita em outra região). Assim, o que chamamos objeto interno parece ser uma resultante da conjugação de diferentes atributos percebidos/identificados em diferentes momentos. Além disso, como este processo está presente desde sempre, cada etapa libidinal modela a identificação: na oralidade identificar-se é incorporar; na analidade o identificar-se já é ter algo dentro de si com a correspondente vivência de alteridade e perda (com o bolo fecal estabelece-se o primeiro modelo de relação com um objeto interno: algo dentro de mim e separado de mim); a saída do narcisismo é a formação de um modelo identificatório ideal a ser buscado, já a fase fálica prepara a instauração da identificação por diferença e assim por diante.

Deixando as tentativas fenomenológicas acima e pensando dinamicamente, os objetos mentais nada mais são do que configurações de representações colocadas em ação pelo Processo Primário de Pensar. Portanto, estudar os processos identificatórios é estudar a dinâmica dos objetos internos no Processo Primário de Pensar. Do ponto de vista dinâmico, que é o que nos interessa aqui, sob o nome de processos identificatórios a Psicanálise tem estudado os processos mentais nos quais os personagens (os objetos internos) se relacionam, agem e interagem com o eu.

Bem, acho que agora posso responder uma das questões apontadas no trabalho anterior (Tenenbaum, 1992a): qual a localização destes objetos internos? Em seu "Esboço" Freud (1938) nos fala que a vida mental é um cenário dinâmico ("set") e que o 'Mundo Interno', título do capítulo, é constituído por id, ego e superego. Conclui-se então que, se a vida mental é um cenário dinâmico, os personagens só podem ser os objetos internos, e, por exclusão, quando se fala neles está-se falando de superego.

Só que a teoria freudiana apregoa que o superego é o herdeiro do complexo de Édipo. Então, se o superego é o "lugar" dos objetos internos e se o superego é o herdeiro do complexo de Édipo, parece lógico que só haja relações objetais após a dissolução do referido complexo. Entendendo que até a constituição desta instância mental não se pode pensar em relações objetais (Young-Bruhel, 1992), e percebendo a importância e a existência destas, independentemente se o Édipo já haveria ou não se dissolvido, alguns estudiosos deste tema acabaram criando uma nova metapsicologia, a qual por sua vez introduz novas categorias para os objetos internos (bons e maus) na tentativa de responder às questões clínicas levantadas pela definição de Freud, e relacionadas com a evidência clínica de relações objetais

precoces. Este caminho levou à criação de uma "objetoteca" mental (O'Shaughnessy, 1991) e na transformação do 'Mundo Interno' numa região povoada por figuras intencionalmente boas e más, polarizando e antropomorfizando (Peterfreund & Schwarz, 1976) o que é uma configuração complexa de afetos, emoções, sentimentos e representações.

Mas, então, como conciliar a existência de relações objetais precoces com a definição de Freud a cerca do "lugar" dos objetos internos ser o superego, herdeiro do complexo de Édipo?

Do ponto de vista psicanalítico, vida mental é sinônimo de representações que encenam situações inicialmente em busca de satisfação, Processo Primário de Pensar, e posteriormente em busca de sentido, Processo Secundário de Pensar (Andrade, 1991; Eksterman, 1980; Tenenbaum, 1991). Um objeto interno seria então uma configuração representacional que poderia ser mais ou menos fixa e/ou mais ou menos imperiosa, isso de acordo com o processo que regesse a relação ego-objeto interno. Assim, não é difícil supor que uma configuração representacional fixa e imperiosa, tipicamente característica do Processo Primário de Pensar, submeteria o ego podendo gerar a vivência de ordem interior (ou exterior, se projetada para fora do espaço mental), de uma compulsão ou de outras características superegóicas. Seria então uma configuração representacional que funcionaria como um superego, ou melhor: um objeto interno com funções superegóicas (Ahumada, 1992-adendo). Com isso, ego e superego deixam de se assemelhar a regiões anatômicas, "lugares", motivos de grandes equívocos teóricos e entraves clínicos.

Através da minha paciente pude ver que o tipo de relação ego-objeto interno é decisivo no desfecho do processo identificatório, cuja conclusão é que dará origem ou propiciará a ampliação do eu. Vi que é só assim, concluindo o processo identificatório, que um objeto interno se torna parte do eu, promovendo com isso uma mudança na qualidade (funções) das configurações representacionais, tanto do eu, quanto do objeto interno.

Mas o que vem a ser esta mudança?

## **MUDANÇA PSÍQUICA**

O tratamento desta paciente colocou-me diante de um tipo de dificuldade que me estimulou a um melhor conhecimento sobre os processos identificatórios e sobre as possibilidades de representação dos objetos internos. Estas, como acabamos de ver, vão desde a vivência de algo externo e/ou estranho ao eu, portanto próximo à concretude (podendo equivaler até à experiência sensorial) e funcionalmente superegóicas, até representações plásticas, constituintes do eu, representações com funções que o eu pode utilizar quando necessitar.

Creio ser muito importante ressaltar a idéia de processo ao se falar em identificação. Assim, inclui-se toda a gama de possíveis relações eu-objetos internos, as quais, às vezes, impedem o próprio processo identificatório e a conseqüente ampliação do eu, e/ou o surgimento de uma identidade, gerando as tais vivências acima citadas e descritas por minha paciente. A contínua dinâmica destes processos é confirmada pelo fato de que, em nossa atividade clínica, geralmente avaliamos certas modificações nas relações interpessoais dos nossos pacientes como resultados de mudanças psíquicas ocorridas nas relações destes pacientes com seus objetos internos. A pergunta que se coloca é: como é que ocorre uma mudança psíquica?

O levantamento bibliográfico feito, incluindo os principais trabalhos apresentados no XXXVII Congresso da A.P.I. ocorrido em Buenos Aires, 1991, cujo tema foi exatamente "Mudança Psíquica", não me permitiu formular um consenso para o que seja esta mudança psíquica. Não excluindo ser este



fato devido a uma incapacidade minha, se a leitura dos trabalhos fosse feita por um leitor de outro ramo científico poderia dar a impressão de que o objeto psicanalítico é vago e metafísico (Home, 1966), ou então que ainda não conhecemos tanto nosso objeto quanto nosso objetivo ao atendermos alguém. Como que confirmando esta impressão, tem sido comum a ocorrência, mesmo em nosso meio, de artigos que abordam e/ou questionam a nossa ciência exatamente do ângulo de uma fluidez ou de uma obscuridade do objeto de estudo. Objetivo em Psicanálise, esse então, virou palavrão. Mas, fazendo o caminho às avessas, começando pelo objetivo, talvez consiga chegar ao que julgo ser o nosso objeto de estudo.

Parece-me claro que a Psicanálise, enquanto prática psicoterapêutica, tem por objetivo exatamente promover mudanças psíquicas. Mas, o que vem a ser esta mudança? Quais são seus indicadores? O que se pretende mudar? Por que se busca uma mudança? Como se consegue esta mudança? Quem diagnostica e quem avalia a mudança?(Winograd, 1990). Vários autores, estrangeiros e nacionais, acreditam que tanto os indicadores quanto a avaliação das mudanças psíquicas estão relacionados com os modelos teóricos dos próprios analistas, daí a Psicanálise, como disse acima, poder ser vista, por quem está de fora, como uma disciplina pouco científica: cada psicanalista é executivo, legislativo e judiciário ao mesmo tempo. Por outro lado, alguns que estão dentro têm a impressão de uma Babel. Esta situação surgiu devido a ampliação dos parâmetros utilizados pela nossa disciplina? Os parâmetros utilizados por Freud ficaram ultrapassados, não atendendo mais ao que nós vemos hoje na nossa clínica? Mudaram os pacientes ou nossa ciência evoluiu na tentativa de se tornar mais apta a conhecer o psiquismo humano?

Os principais parâmetros psicanalíticos que têm sido utilizados para conceituar a mudança psíquica, sendo alguns deles baseados em teorias sobre o suceder psíquico bastante diferentes entre si, são: a) que seja Ego onde antes era Id (Freud); b) que predomine o Princípio de Realidade sobre o Princípio do Prazer (Freud); c) que a Posição Depressiva predomine sobre a Esquizo-paranóide (M. Klein); d) que haja uma transformação das relações de objeto onipotentes e narcísicas em relações de objeto reais e totais (M. Klein); e) maior capacidade de pensar os próprios pensamentos (Bion); f) melhor adaptação do Ego à realidade (Hartman); g) busca do verdadeiro self (Winnicott); h) restauração do Self (Kohut). Como nenhuma "escola" psicanalítica foge à situação de privilegiar um aspecto do suceder mental (a "sua" parte) como se fosse o todo, a busca científica acabou transformada em escolástica. Curiosamente dizendo-se contra exatamente isto, mas incorrendo no mesmo erro, levantam-se outros dizendo que não há aproximação possível entre as diferentes teorias psicanalíticas por serem baseadas em premissas completamente diferentes. Espero que nos tornemos capazes de saber que as premissas científicas são alardeadas, por alguns, exatamente como verdades (e não como aproximações, metáforas, que são) para poderem ser usadas (às vezes politicamente) como pontos de apoio inquestionáveis às conclusões sobre certos achados empíricos (Camargo, 1993). Espero também que deixemos de nos cegar quanto aos reflexos tendenciosos que cada teoria, quando transformada em escola, traz para a prática clínica.

Levando isso em conta, podemos ver que a ampliação do ego está presente, direta ou indiretamente, em todos os parâmetros citados acima. Mas, a antropomorfização das instâncias fictícias da mente (Spitz, 1984; Home, 1966) iniciadas pelo próprio autor vem gerando dificuldades na compreensão do processo de mudança psicológica. Por exemplo, o ego é visto como tendo o controle da motilidade, como sendo ele que se relaciona com os objetos com consideração, é ele que se adapta à realidade, é ele que busca a satisfação de forma a mais satisfatória e menos perigosa possível, etc. Mas se o ego tem estas funções, como explicar certas atuações onde, a posteriori, a pessoa se dá conta ou mesmo diz que se viu fazendo algo que não podia ter sido ela a fazer (Tenenbaum, 1991)? Não será então, exatamente, o contrário, isto é, muitas das ditas funções egóicas, como as acima citadas, são, de fato, funções dos sistemas biológicos nas quais o ego entra exatamente modificando-as ou subvertendo-as? Creio ser isto que a atividade clínica nos mostra e ter sido isto que Freud disse a respeito da interação dos processos simbólicos com a biologia (Freud, 1905), embora tenha dito também, em outros momentos, que é o ego quem controla a motricidade e outros sistemas biológicos, o que deu margem a uma série de equívocos. A este respeito

vale a pena ler as considerações feitas por Peterfreund & Schwarz (1976) sobre a Teoria Psicanalítica.

Ego, superego e id foram conceitos criados para permitir uma aproximação de certos fatos e fenômenos observados e servem para a construção de teorias que tentam dar contas destes fatos e fenômenos. Sabendo-se que estas premissas, como em qualquer ciência, são construídas de acordo com as ferramentas de cada época (Camargo, 1993), devemos continuar tentando provar a realidade de nossas premissas teóricas como se fossem elas os fenômenos observados? É realmente relevante saber se o ego existe ou não ao nascer, se o complexo de Édipo ocorre nesta ou naquela idade, se o superego é formado antes ou depois do Édipo? E se estivermos tentando nos aproximar apenas de experiências de vínculos, configurações representacionais e de diferentes processos lógicos de pensar, todos em interação biológica no caldo da cultura?

Uma vez estabelecida a necessidade de uma mudança de direção em nossa observação (do nosso umbigo teórico para fora), posso dizer que a Psicanálise propõe que uma mudança psicológica pode ser realizada de duas maneiras não excludentes e interrelacionadas: recuperando para o eu o que dele foi afastado (por "verdrängung", "verleugnung" ou por "verwerfung") ou então libertando o eu daquilo que o impele à repetição, impedindo sua livre ação e criação. A primeira maneira diz respeito a processos pulsionais que ameaçam a representação de si mesmo, enquanto que a outra maneira, a clínica mostra, se refere às relações do eu com seus objetos internos (embora também tenha sido objeto, a partir dos anos 20, de especulações no âmbito da última teoria pulsional de Freud).

Para alguns, esta duplicidade é diametralmente oposta, opinião que para mim está claramente relacionada, mais uma vez, a uma visão escolástica da perspectiva ou vértice de cada corrente psicanalítica. Freud, Anna Freud, Hartman com seus discípulos da Psicologia do Ego e outros, estudaram o Homem em sua relação conflituosa com a Civilização, uma relação claramente triádica cujo modelo paradigmático é o Complexo de Édipo. Fairbain, Klein, Winnicott, Kohut e outros, embora com grandes diferenças teóricas entre si, tiveram como principal objeto de estudo as relações objetais diádicas, cujo modelo é a relação mãe-bebê, colocando o relação objetal triádica um pouco para segundo plano. A concepção comum a estes últimos é que as relações triádicas são posteriores e dependentes das vicissitudes da relação diádica. Mas, como veremos abaixo, também aqui não se pode mais pensar numa sequência temporal ou genética, e sim numa permanente interdependência.

Portanto, a Psicanálise tem estudado dois tipos de relações objetais: as relações diádicas (chamadas pelos diferentes autores que as estudam de relações narcísicas, relações mãe-bebê, relações self-self-objetos, relações simbióticas e parasitárias, relações especulares e assim por diante) e as relações triádicas (nomeadas pelos autores que as estudam de relações triangulares, relações edipianas, relações comensais, relação com objetos totais, e assim por diante).

A única unanimidade que encontrei nos trabalhos pesquisados sobre mudança psíquica diz respeito justamente à pré-condição necessária, mas não suficiente, para que uma mudança psíquica possa se realizar: a existência da relação transferencial, que nada mais é do que um outro tipo de relação diádica (Eksterman, 1991-5). Esta unanimidade revela que, para se intervir nas relações com os ditos objetos internos e mecanismos abordados até agora como intrapsíquicos, é necessário a criação de um campo interacional, cujo espaço é o da relação diádica. É por isso que Eksterman (1989) parafraseia Freud e afirma que o objetivo da análise não deveria ser "que seja ego onde era id", e sim "que seja ego onde é superego", querendo com isto dizer que o eu se amplia com a diminuição da influência do superego/objetos internos, enquanto que id é o biológico ("lugar" das pulsões). Para Eksterman este é o caminho para o surgimento da consciência pelo próprios atos e da ética no lugar da moral.

Com isso chegamos onde a mudança psíquica toca no objeto de estudo deste trabalho, pois tanto a identificação quanto a identidade colocam no centro da constituição do ser as relações objetais. A

identidade, conforme definições nos dicionários (Holanda, 1975; Lalonde, 1993; Moore & Fine, 1992), ao contrário da identificação, traz em seu cerne a distinção de um dos demais, portanto, trata-se de sentir-se um, diferente dos demais, o que é característico da relação triádica. Daí, quanto mais diádicamente vinculado (identificado) o indivíduo está com seus objetos internos, menos ele é e mais seus objetos internos ele está sendo. Por consequência menos ele se sentirá "ele" nas suas relações com os outros.

Isto posto e, como já foi dito, o Processo Primário de Pensar nada mais sendo do que cenas de satisfação, e como a satisfação, por sua vez e desde sempre, está indissolúvelmente ligada a um objeto, destas cenas fazem parte objetos (do desejo). É, pois, esta cena que impele o indivíduo para a busca da satisfação objetiva, levando-o a estabelecer relações com objetos externos, relações estas regidas pela lógica do Processo Secundário de Pensar. Portanto uma relação está imbricada com a outra, e o tipo de relação objetual pode nos dizer muito do funcionamento mental de uma pessoa.

O trabalho de análise que pretende a predominância da Posição Depressiva sobre a Esquizo-paranoide é correlato da transformação de relações de objeto onipotentes e narcísicas em relações de objeto mais reais e totais. Pode existir uma relação de objeto real e total sem o domínio do Princípio de Realidade (Processo Secundário) e sem diferenciação entre ego e objetos internos? Não é só depois que a pessoa consegue individualizar-se de seus objetos internos que ela se torna senhora de si mesmo, dona de sua própria história, não compulsivamente obrigada a repetir a história de seus objetos internos, mais capaz de pensar seus próprios pensamentos e de estabelecer vínculos com objetos externos ao invés de "forçá-los" a se comportarem como seus objetos internos ou objetos do desejo?

O parâmetro por excelência de uma mudança psíquica é, para mim, esta discriminação eu-objetos internos (ou objetos do desejo, ou configurações representacionais regidas pelo Processo Primário de Pensar). É a mudança na relação eu-objetos internos que leva às mudanças já mencionadas nas qualidades das representações ou das configurações do eu e dos objetos internos: quanto mais da ordem do Processo Primário (diádica) for a relação, mais fixa e rígida ela será, mais imperiosamente os personagens (objetos internos) funcionarão e mais estranheza ao eu eles causarão, propiciando situações de vida nas quais o objeto amado é compelido a ser um correspondente externo de um objeto do desejo, embora tenha sido escolhido para ser um objeto de vínculo anacliticamente apoiado num objeto de desejo.

Por outro lado, não resta dúvida de que uma mudança nesta relação significa a perda de um determinado eu e de um determinado objeto interno, ambos configurados de acordo com um determinado cenário (set) ou desejo, mas não por ataque sádico e muito menos malévolo, e nem por desidentificação, e sim, justamente ao contrario, pela individuação decorrente da complementação do processo identificatório. Creio ser esta a verdadeira a fusão com o objeto interno, na qual se fundem eu e objeto, deixando ambos de existirem como eram, da mesma maneira como dois elementos se fundem formando um novo elemento. É o que se costuma dizer ao se falar que "fulano" não passou incólume por uma determinada situação ou relação.

Na fusão que acabei de descrever a perda é vívida, a tristeza pode acompanhar e a culpa pela atividade do eu, que resultou no desaparecimento de determinada configuração de um objeto interno, pode estar presente, mas há o ganho da ampliação/transformação do eu. Na fusão que é comumente descrita nos textos psicanalíticos o eu desaparece: trata-se, portanto, não de uma fusão, e sim de uma submissão do eu ao objeto interno, que é o medo da minha paciente.

Tempos depois, voltando de um fim-de-semana, Z. não precisava mais sentir-se tão "completamente diferente" da mãe, conforme descrito no início do trabalho.

**Z-** Neste fim-de-semana aconteceu uma coisa engraçada. A coisa que eu mais gosto de fazer em casa é lavar roupa. Eu adoro separar a roupa, colocar na máquina com o sabão... Aí, quando eu estava fazendo isso, eu me lembrei que a única coisa que a minha mãe fazia em casa era lavar roupa! Eu fiquei pensando nisso... É muito gozado... Depois eu me dei conta que minha mãe só sabia fazer doces, que é o que eu mais gosto de comer, e o meu preferido é o de abóbora, exatamente o que ela fazia melhor! É muito engraçado tudo isso... Mas, você sabe, eu ainda sinto aquele ressentimento. Eu não consigo superar o ressentimento. Breve silêncio. No domingo o G. pediu para eu ligar para ele numa hora lá, mas quando eu fui ligar só dava ocupado. Ficou um tempão ocupado. Quando eu consegui falar, acabei brigando com ele porque é um absurdo ele pedir para eu ligar e ficar no telefone!

**D-** Pois é, não é, Z., para falar com ele você precisa do telefone. É o maior absurdo e lhe deixa um enorme ressentimento.

**Z-** É, eu me senti um nada.

Começar a perceber semelhanças (e, por complementaridade, diferenças) já é discriminar-se do objeto. Precisar de telefone para se comunicar, perceber que não basta o desejo, é não ter mais o objeto aderido ao seu eu, é perder a magia do Processo Primário de Pensar. Vem daí o ressentimento e o vazio. Depois desta sessão, o ressentimento com sua mãe apareceu através de acusações de que a mesma não soube manter o casamento, isto é, não soube manter o marido em casa, obrigando Z. a separar-se brusca, prematura e radicalmente de seu pai. O interessante, e é o que ela ainda não se conscientizou, é que as acusações feitas à mãe são iguais às que se faz quando algo importante, seja relacionado à vida amorosa ou laborativa, não dá certo na sua vida...

Ainda nos meus primeiros anos da formação costumava perguntar: se o ego é um precipitado de identificações e o superego também é fruto de identificações, quando uma identificação forma ego e quando forma superego? Recebi respostas variadas conforme a "escola" do professor e hoje eu acredito que tanto a maioria das respostas, quanto a pergunta só puderam ser formuladas devido a uma compreensão não metafórica, equivocadamente anatômica, dos conceitos freudianos. Não existe um ego e um superego, e sim configurações de representações - objetos internos ou estruturas endopsíquicas, se preferirem a formulação de Fairbairn - que se organizam com funções de ego e/ou de superego. É só assim que se pode pensar em qualquer possibilidade de mudança psíquica, já que a anatomia e a biologia não mudam com o instrumental com que trabalhamos.

## **IDENTIDADE**

**Identificação** é a forma mais primitiva de ligação afetiva (Freud, 1921); é o processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, uma atitude, de outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa (Laplanche & Pontalis, 1976); é o processo de identificar algo, reconhecer um objeto como pertencente a uma categoria, e é o ato pelo qual dois seres se tornam idênticos em pensamento ou de fato (Lalande, 1993).

**Identidade** é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa (Holanda, 1975); é uma experiência do self, relativamente duradoura, mas não necessariamente estável, como uma entidade única e coerente através do tempo ( Moore & Fine, 1992).

Como é que uma identificação se constitui em identidade? Como é que as representações de si mesmo configuram algo dinamicamente estável e relativamente duradouro?

Segundo Grinberg (1980), foi Tausk (1919) o primeiro psicanalista a usar o conceito identidade. Freud

só o empregou uma única vez: no discurso que fez aos membros da Sociedade B'nai B'rith (Freud, 1926) em agradecimento às comemorações pelo seu 70º aniversário. Se o primeiro empregou o conceito enquanto estava estudando a Esquizofrenia, estado no qual o eu, nem tanto o ego, se fragmenta ao tentar lidar com uma situação insuportável, o segundo empregou o mesmo conceito ao falar de algo, seu judaísmo, que julgava ser da essência do seu ser, transcendente ao individual, inabordável por palavras e, portanto, impossível de ser conscientizável (o que no sentido do próprio autor significa não ser passível de ser inserido num sentido histórico-pessoal).

**Essência** (Lalande, 1993): Tanto no sentido metafísico, quanto no experiencial, aquilo que constitui a natureza de um ser em oposição ao fato de ser. Sua doutrina, ou Essencialismo, dá à essência uma realidade, uma anterioridade ou um valor superior à existência.

Tomando como exemplo esta afirmação de Freud a respeito de um dos componentes de seu próprio eu, sua identidade religiosa, e a guisa de início de conversa, é realmente comum entre os judeus, e muitos não judeus, a crença na existência de uma identidade judaica, misto de identidade religiosa e étnica, vivida, como o próprio Freud escreveu, como algo da essência do ser. Creio ser exatamente por isso que ser judeu é sempre uma questão para os judeus, como mostra o tipo de humor judaico. Em trabalho anterior (1992-b) abordei este assunto procurando mostrar que, como qualquer configuração identificatória grupal, esta também tem suas peculiaridades. Mezan (1993) ao estudar as características e a evolução histórica desta identidade demonstra que qualquer especificidade cultural, por estar associada ao sistema superego/ideal de ego, responsável que é pela organização do conjunto de identificações e pela administração da culpabilidade e da estabilidade narcísica (polo de articulação do individual com o social), cria padrões identificatórios geradores de identidade. Ambos autores discordam das idéias essencialistas de Freud.

Sempre me intrigou a autorização dada por Freud para Strachey traduzir "ich" por ego. A única explicação que fui capaz de encontrar prende-se ao fato de que, com esta autorização, Freud estava querendo imprimir algo a este termo. É sabido que, depois do Grego, o idioma da Filosofia é o Alemão e o que Freud menos queria era que sua Psicanálise fosse vista pelo mundo científico anglo-saxão como mais uma visão filosófica do Homem. Neste sentido, quanto mais positivista sua ciência fosse... E daí seu "ich" ter-se tornado cada vez mais uma instância com funções e mecanismos, muito mais próximo do que é um órgão anatômico ou um sistema biológico e longe do que é um eu.

Foi Hartman (1950) quem primeiro apontou este problema ao tentar diferenciar um ego-função (instância mental) de um ego-representação (eu). Buscando uma maior discriminação entre eles, Hartman nomeou como sendo self o conjunto de representações do si-mesmo. Foi para marcar esta diferença conceitual que ele introduziu o conceito de self, para exatamente definir o eu como o conjunto das representações do si-mesmo (embora mantivesse o mesmo equívoco de Freud ao atribuir a uma suposta instância mental antropomorfizada as funções que são da biologia). Ego-instância mental é, para Hartman, uma subestrutura da personalidade que se define por suas funções, tendo como função principal a adaptação-sobrevivência, mas não no sentido míope em que foi entendido por alguns críticos como se fosse a adaptação ao "American way of life", e sim no sentido já presente em Freud: ego como embaixador do id frente à realidade, ego enquanto instância com controle da musculatura para que a realização dos desejos leve em conta a sobrevivência própria e a da espécie, etc. Nesta mesma linha iniciada por Hartman, e observando o desenvolvimento de bebês, vários autores concluíram que o desenvolvimento da imagem corporal está no cerne da formação do eu, o qual adquire ímpeto com o desdobramento do processo de individuação-separação e se completa na adolescência. Só que não ficaram aí. Além da imagem corporal, a representação de si mesmo passou a incluir o corpo propriamente dito, e o conceito de self, aos poucos, foi sendo modificado, sofrendo uma transformação e chegando nos dias de hoje a ser conceituado como:

**Self** (Moore & Fine, 1992): A pessoa total de um indivíduo na realidade, inclusive o próprio corpo e a própria organização psíquica; a própria pessoa de alguém, em contraste com outras pessoas ou objetos situados fora deste alguém. Self é uma expressão ditada pelo senso comum e utilizada para o conceito cotidiano; seu emprego, nesse sentido, abrange e sobrepõe-se a aspectos mais técnicos incluídos nos termos: conceito de si mesmo (auto conceito), imagem do self (imagem de si mesmo), esquemas do self e identidade.

Podemos ver como o conceito de self "evoluiu" de uma configuração representacional do si-mesmo para a idéia de uma entidade que englobaria a biologia (o corpo) e a psicologia (organização psíquica): o "self psicofisiológico primário" no dizer de Edith Jacobson, citada por Grinberg (1980, pag.30), conceito que recria uma unidade psicofisiológica unicista, concepção radicalmente oposta à moderna biologia e às idéias freudianas sobre a interação entre a biologia e o psiquismo. Como varios conceitos psicanalíticos, o self acabou impregnado por uma visão positivista da mente que tenta localizar as representações numa espécie de órgão, bem no modelo médico e completamente diferente da idéia originária de Hartman sobre configurações representacionais relacionadas com o momento e à historia individual.

Como podemos ver, embora a partir de diferentes abordagens, o tema da formação do eu de há muito vem interessando os autores psicanalíticos. Poder-se-ia dizer que para Freud a constituição do eu é íntima e basicamente, mas não completamente, individual, privada. A questão humana para ele consistiria na manutenção de um eu diante das situações conflitivas da vida, e não é a toa que a psicologia freudiana estuda principalmente as funções defensivas do eu. Já para Hartman, a questão humana seria a adaptação (sobrevivência psicológica) à realidade da vida, obtida graças ao desenvolvimento das funções do eu, o que levou a Psicologia do Ego a estudar principalmente estas funções. Para Klein, a constituição do eu também seria íntima e basicamente individual, consistindo a questão humana na eterna luta entre o amor e o ódio (presentes desde as precoces relações objetais). Para Winnicott, a questão humana seria a constituição de um eu a partir das precoces e comumente insatisfatórias relações humanas, enquanto que para Lacan a questão humana seria a constituição de um eu através da luta contra a sujeição/alienação característica destas relações. Kohut vê a questão humana na conquista e manutenção do amor próprio, de uma imagem de si razoavelmente satisfatória e fruto de relações objetais significativas, a Psicologia do Self estuda principalmente as falhas nesta conquista.

Por outro lado, a linguagem e a observação cotidiana nos mostram que existem diferentes componentes naquilo que a Psicanálise tem chamado de identidade: aquele relacionado ao nome e sobrenome (núcleo do eu com íntima ligação às identificações parentais que levaram à escolha do nome), o relacionado com a identidade de gênero (etapa edípica), o relacionado com a etapa narcísica constitutiva do ideal do eu (quem desejo ser quando crescer), o relacionado com a identificação moral ou etapa pós-edípica (quem devo ser quando crescer), aquele presente na adolescência e que define o eu e a ética (quem eu posso ser), aquele componente relacionado ao lugar de nascimento, suas tradições, etc. (naturalidade), o relacionado ao país de nascimento (nacionalidade), à profissão; ao time esportivo de eleição, e assim por diante.

É, portanto, tanto na construção do eu, quanto na da identidade, que fica mais claro a necessária articulação dos dois objetos de estudo da Psicanálise: o do desenvolvimento psicosexual com o das relações objetais diádicas e triádicas, pois, embora restrito a um corpo, eu e identidade não são experiências biológicas, mas sim de significados, portanto frutos das relações objetais e inseridos na cultura. Mas, a Psicanálise tem usado de forma indiscriminada os conceitos de *eu* e de identidade. Os aspectos do *eu* psicologicamente melhor conhecidos são aqueles reconhecidamente formados a partir das relações humanas, enquanto que o sentimento de ser o mesmo no tempo e diferente dos demais (ser uma entidade única e contínua) ainda não nos é claro, ainda mais se pensarmos que a noção de temporalidade está ligado apenas ao Processo Secundário de Pensar. Portanto, além da necessidade de distinguir os conceitos de identidade e de eu, a pergunta que se coloca agora é: como é possível a constituição e a

manutenção deste sentimento de unidade? Existiriam representações nucleares para o eu? Se existem, variam conforme a cultura ou são do mesmo tipo que as proto-fantasia?

Devemos considerar que a identidade não é uma experiência uniforme, e sim relacionada com uma série de sistemas de representações que, embora articulados, são distintos entre si, cada um destes sistemas correspondendo a um dos modos pelos quais o sujeito atrela-se ao universo cultural. Como exemplos destes sistemas de representações pode-se citar a identidade racial, a étnica, a religiosa, a profissional, a de classe, a política, etc, cada um com suas próprias regras que orientam o sujeito no cumprimento e julgamento do seu desempenho identificatório (representação de si mesmo relacionada com cada sistema identificatório). As possíveis (inevitáveis?) incompatibilidades dentro de cada sistema ou entre diferentes sistemas é que geram os conflitos identificatórios (nos quais o indivíduo não consegue cumprir ou realizar as exigências da norma identificatória), geralmente expressos pelo sentimento de estar fora da norma, fora do normal ou anormal.(Costa, 1987)

Por outro lado, para ser possível a articulação de sistemas de representações como descrevi, é necessária a idéia de que o eu é um sistema vazio de conteúdo, enquanto que os tipos psicológicos (os sistemas identificatórios, as identidades ou representações de si mesmo) são saturados. Assim podemos começar a entender como que certos aspectos identificadores podem prevalecer em alguns indivíduos, assim como em determinadas épocas; em outras épocas, em outros indivíduos, outros aspectos. Um exemplo disso é a prevalência da identidade social decorrente do trabalho nas classes sociais mais baixas (Costa, 1987). Um outro exemplo pode ser visto na peculiar prevalência que a identidade religiosa dada pelo Judaísmo tem nos judeus, a ponto de ser comum um sentimento essencial de identidade Judaica. Um último exemplo pode ser visto no papel também essencial que uma ideologia (configuração individual ou grupal de idéias e valores) pode ter para certos indivíduos. Um autor não psicanalítico, Ariès (1978), estuda justamente as alterações que determinados padrões de identidade vem sofrendo ao longo dos tempos na própria cultura ocidental.

Portanto, identidade não é algo único, mas sim uma configuração mais ou menos estabilizada de sistemas identificatórios em processo dinâmico, cuja tentativa de articulação/totalização dos diferentes sistemas de representações do si mesmo é que dá, a cada momento, a noção de eu. O máximo que se consegue é sempre um indicativo do que se é em cada momento, daí poder-se dizer que o homem é sendo, e isso é confirmado pelas várias experiências humanas nas quais a pessoa sente ou percebe que algo nela se modificou sem, no entanto, alterar o sentimento básico de ser a mesma pessoa. Por outro lado, quanto mais grave é a doença mental, mais alterado está este sentimento. Finalizando, talvez o senso perdurável de unidade através do tempo seja obtido apenas sentindo-se ser em cada momento.

## SUMÁRIO

A partir de uma situação clínica, o autor discute o papel das relações do ego com os objetos internos nos processos identificatórios, na configuração do eu e da identidade.

Algumas implicações técnicas relacionadas com a maneira de se lidar com o material clínico apresentado, como também certos equívocos e mal entendidos presentes nas concepções de ego, id, superego e self são abordados.

Termina o trabalho diferenciando os conceitos de eu e de identidade.

## SUMMARY

Based on a clinical situation, the author discusses the role of the relations of the ego with the internal objects in the identification processes, in the constitution of the I and of the identity.

He also discusses certain misreadings and misunderstandings present in the conceptions of ego, id, superego and self.

He concludes his paper with a distinction between the concepts of the I and the identity.

## BIBLIOGRAFIA

**ABRAHAM, K. (1970)** *Teoria Psicanalítica da Libido*. Imago Editora. R.J.

**AHUMADA, J. L. (1992)** "Sobre Identificação Narcísica e a sombra do objeto", *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 26, nº 1-2.

**ALMEIDA, S. C. (1988)** "Atração Fatal: Reflexões Teórico-clínicas sobre a Pulsão de Morte". Trabalho apresentado no XVII Congresso Latino-Americano de Psicanálise, Rio de Janeiro.

**ANDRADE, V. M. (1991)** "O Mundo Interno como afeto e representação", *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 25, nº3.

**ARIÈS, P. (1978)** *Historia Social da Criança e da Família*. Editora Guanabara, R.J.

**BLUM, H. P. (1987)** "The role of Identification in the resolution of trauma", *Boletim Científico da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*, nº 9.

**CAMARGO, K. R. (1993)** *A Construção da AIDS: Racionalidade Médica e Estruturação das Doenças*. I.M.S.-U.E.R.J., R.J. (Tese de Doutorado em Saúde Coletiva).

**COSTA, J. F. (1987)** "A Consciência da Doença enquanto Consciência do Sintoma: A 'Doença dos Nervos' e a Identidade Psicológica", *Cadernos do I.M.S.-U.E.R.J.*, vol. 1, nº 1.

**EKSTERMAN, A. (1980)** "Fantasia e Realidade no Homem Contemporâneo", *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 14: 129.

**EKSTERMAN, A. (1990)** "Psicanálise, Cultura e Civilização", *Revista Tempo Brasileiro*, 102-103:15/32, jul-dez.

**EKSTERMAN, A. (1991)** "Antisemitism - A Psychoanalytic Approach", in *Vitimologia-Enfoque multidisciplinar*. Sociedade Brasileira de Vitimologia e U.F.R.J., R.J.

**EKSTERMAN, A. (1991-5)** Seminários privados sobre a obra de Freud.

**FREUD, S. (1900)** "A Interpretação dos Sonhos", in *Obras Completas*, vol V, Imago Editora, R.J.

**FREUD, S. (1905)** "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", *idem*, vol. VII.



- FREUD, S. (1908a)** "Caráter e Erotismo Anal", idem, vol. IX.
- FREUD, S. (1908b)** "Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna", idem, vol. IX.
- FREUD, S. (1910)** "Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância", idem, vol. XI.
- FREUD, S. (1914)** "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução", idem, vol. XIV.
- FREUD, S. (1911)** "O Caso Schreber", idem, vol. XII.
- FREUD, S. (1915)** "Luto e Melancolia", idem, vol. XIV.
- FREUD, S. (1920)** "Além do Princípio do Prazer", idem, vol. XVII.
- FREUD, S. (1921)** "Psicologia de Grupo e Análise do Ego", idem, vol. XVIII.
- FREUD, S. (1923)** "O Ego e o Id", idem, vol. XIX.
- FREUD, S. (1926)** "Discurso à Sociedade dos B'nai B'rith", idem, vol. XX.
- FREUD, S. (1932)** "Conferência 32", idem, vol. XXII.
- FREUD, S. (1938)** "Esboço de Psicanálise", idem, vol. XXIII.
- GRINBERG, L. (1976)** *Teoria de la Identificacion*. Editorial Paidós, Buenos Aires.
- GRINBERG, L., GRINBERG, R. (1980)** *Identidad y Cambio*. Ediciones Paidos, Buenos Aires.
- HARTMAN, H. (1950)** "Comentarios à Teoria Psicanalítica do Eu", in *Psychoanalytic Study of the Child*. Int. Univ. Press, V, N.Y.
- HOLANDA, A. B. (1975)** *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira, R.J.
- HOME, H. J. (1966)** "The Concept of Mind", *International Journal of Psycho-Analysis*, 47:42-49.
- LALANDE, A. (1993)** *Vocabulario Técnico e Crítico da Filosofia*. Editora Martins Fontes, S.P.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.-B. (1976)** *Vocabulario de Psicanálise*. Moraes Editores, Lisboa.
- MEZAN, R. (1993)** "Violinistas no Telhado: Clínica da Identidade Judaica", in *A Sombra de D. Juan e outros ensaios*. Editora Brasiliense, S.P.
- MOORE, B. E., FINE, B. D. (1992)** *Termos e Conceitos Psicanalíticos*. Artes Médicas, Porto Alegre.
- O'SHAUGHNESSY, E. (1991)** "Uma Identificação melancólica com um objeto original em um menino de 3 anos e meio de idade", *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 25, nº 2.
- PALMER, R. (1969)** "Hermeneutics: Interpretation and Theory", in *Schleiermacher, Dilthey, Heidegger and Gadamer*. Evanston: Northwestern Univ. Press. (pag. 148)

**PETERFREUND, E.; SCHWARTZ, J. T. (1976)** *Información, Sistemas y Psicoanálisis*. Siglo Vintiuno Editores, Mexico.

**SPITZ, R. A. (1984)** *O Não e o Sim*. Martins Fontes, R.J.

**SEWALD, F. (1991)** "Mishima, o Hagakure e a Estética da Destruição. Um possível roteiro para as Pulsões de Morte". Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Psicanálise, S.P.

**TAUSK, V. (1919)** "Da Gênese do 'Aparelho de Influenciar' no Curso da Esquizofrenia", in *Tausk e o Aparelho de Influenciar na Psicose*. Editora Escuta, S.P.

**TENENBAUM, D. (1992a)** "Pulsão de Morte - Dr. Freud, um antropólogo?", *Revista de Psicanálise do Rio de Janeiro*, Relume-Dumará, R.J.

**TENENBAUM, D. (1992b)** "Reflexões ante o Semitismo", *Boletim Científico da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*, nº 19.

**TENENBAUM, M. M. (1991)** "Os Caminhos da Repetição". Trabalho apresentado na conclusão do Curso "Estudo Crítico Comparativo da Obra de Melanie Klein" do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

**WINOGRAD, B. (1990)** "Mudanças Psíquicas na Teoria e na Técnica", *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 24, nº3.

**YOUNG-BRUEHL, E. (1992)** *Anna Freud: uma biografia*. Imago Ed., Rio de Janeiro.